

# A DIREÇÃO DE DEUS PARA O HOMEM



Um chamado radical  
para o serviço cristão

WATCHMAN NEE

# *Sumário*

Prefácio da Versão Brasileira .....	7
Prefácio da Versão Original em Inglês .....	9
1. Os Hábeis Artesãos de Deus .....	13
2. Pedro – e o Caminho .....	29
3. Pescando Homens.....	51
4. Paulo – e a Vida .....	79
5. O Firme Fundamento de Deus.....	105
6. Uma Igreja Gloriosa.....	129
7. Edificando em Amor .....	151
8. Ministrando Vida.....	179
9. Reunidos no Nome .....	213
10. João – e a Verdade.....	241
11. Aquele que Vencer .....	273



## *Prefácio da Versão Brasileira*

**A** *Direção de Deus para o Homem* é mais um dos maravilhosos livros resultantes do rico ministério da palavra que o Senhor concedeu ao Seu servo Watchman Nee. Sua mensagem é profunda, como alimento espiritual para a vida cristã, e também um desafio para trilharmos o caminho adequado da edificação da Igreja, como o Testemunho do Senhor, neste tempo do fim.

Watchman Nee demonstra com clareza que, embora a obra de Deus seja uma só, Ele tem um chamamento pessoal para cada um de Seus filhos e a cada um Ele reparte responsabilidades específicas; e que, por isso, Ele usa meios de disciplina para nos lapidar até atingirmos maturidade para representá-LO devidamente e realizarmos a parte que nos confiou como membros do amplo corpo de Cristo, em conjunto com os demais membros.

Por meio dos exemplos dos ministérios de Pedro (lançador de redes) Paulo (edificador de tenda) e João (costurador de redes), ele descortina três aspectos principais da obra de Deus pelos quais Seus servos seguirão cooperando e complementando-se, até Sua obra atingir equilíbrio e plenitude.

Originalmente, esta obra foi publicada em inglês por Angus Kinnear, na série *Classics from Watchman Nee*, juntamente com os livros *Uma mesa no Deserto* e *Não Ameis o Mundo*, ambos igualmente publicados em português pela Editora dos Clássicos. A primeira edição desta obra em português foi em 2004 e esta é a edição de 2013, com capa nova.

Leia e surpreenda-se com tamanha riqueza e encontre também a direção específica de Deus para a sua vida.

Pelos interesses de Cristo,

Os Editores  
Monte Mor, julho de 2013

## *Prefácio da Versão Original em Inglês*

**A** essência do ministério oral do Sr. Watchman Nee (Nee To-sheng), de Foochow, foi compilada, como foram os dois livros anteriores<sup>1</sup>, a partir de notas e traduções pelas quais estou, mais uma vez, em dívida com muitos amigos que o ouviram. As pregações foram originalmente ministradas em várias épocas e em circunstâncias bastante distintas na China e no Ocidente ao longo de um período de cinco anos, que vai de 1938 a 1942, marcado por severas provações, naqueles dias, para a Igreja na China.

---

<sup>1</sup> *Uma Mesa no Deserto e Não Ameis o Mundo*, publicados por esta editora, conforme ressaltado no Prefácio da Edição Brasileira.

Ao publicar estas mensagens em seu presente formato, penso que seja apropriado fazer uma advertência. O tema, em parte fragmentado, que reuni nesta coleção não tinha, de todo, certa proximidade no original, nem pode ser considerado desta forma em nenhum sentido completo. Embora eu tenha utilizado piamente o que estava à minha disposição sem nenhum preconceito consciente, coube a mim, em parte, a organização do material, e o livro talvez, por necessidade, omita alguns aspectos dos temas tratados que o autor, fosse ele acessível, gostaria de apresentar. Além disso, o efeito inevitável da edição é fazer com que os estudos pareçam mais sistemáticos do que pretendiam ser, e isto, em si, poderia levar a um erro. Apesar do aspecto do projeto que lhes foi dado, eles, na essência, não deixam de ser pregações e refletem a necessidade do pregador de enfatizar, e até por vezes parecem exagerar, suas opiniões para torná-las compreensíveis aos seus ouvintes.

Quanto ao assunto do “sistema” no ensino cristão, é possível, talvez, permitir ao autor expressar-se a si mesmo. Ao discutir, há vinte anos, uma de suas primeiras obras em chinês, o Sr. Nee disse: “Alguns anos atrás fiquei muito doente, e os médicos disseram que eu só teria alguns meses de vida. Diante disso, senti o encargo de colocar em um livro o que o Senhor havia me mostrado sobre a questão do ‘homem espiritual’ e, assim, compartilhar com os outros a luz que me fora dada. Foi o que fiz, e o livro foi publicado, e a edição

agora está esgotada. Não será reimpressa. Não que o que escrevi estivesse errado, pois enquanto o leio agora posso endossar tudo. Trata-se de uma exposição muito clara e completa da verdade, mas é aí que está sua fraqueza. É um livro *muito* bom, e é a ilusão de perfeição que gira em torno dele que me preocupa. Os títulos, a ordem, a forma sistemática pela qual o assunto foi elaborado, a lógica do argumento – tudo é muito perfeito para ser espiritual. Eles se emprestaram muito facilmente para uma compreensão meramente mental. Assim, quando um homem lesse o livro, não lhe deveria restar nenhuma pergunta; todas elas deveriam ser respondidas!”

“Mas Deus, descobri, não faz as coisas desta forma, e muito menos permite que *nós* as façamos. Nós, seres humanos, não devemos escrever livros ‘perfeitos’. O perigo de tal perfeição é que um homem pode compreender sem a ajuda do Espírito Santo. Mas se Deus nos der livros, eles sempre serão fragmentos, nem sempre claros ou consistentes ou lógicos, desprovidos de conclusões, e, não obstante, chegando a nós em vida e ministrando vida a nós. Não podemos dissecar fatos divinos, nem defini-los e sistematizá-los. Só o cristão imaturo é que sempre exige ter conclusões intelectualmente satisfatórias. A Palavra de Deus tem este caráter fundamental, que ela fala sempre e essencialmente ao nosso espírito e à nossa vida”.

Será útil para aqueles que lerão as seguintes páginas ter as observações anteriores em mente. Para

alguns, este livro pode parecer uma grande tentativa e levantar mais perguntas do que respostas. Contudo, que pelo menos uma parte de sua mensagem tenha este poder de falar, da parte de Deus, a alguns de nós cuja ambição é tornar-se um servo mais eficiente de Jesus Cristo.

ANGUS I. KINNEAR

*Londres, 1961*





## Os Hábeis Artesãos de Deus

O chamado de Deus é um chamado especial. De certo modo, pelo menos, esta afirmativa aplica-se a todos que são chamados por Ele. Seu comissionamento é sempre pessoal; contudo, nunca deixa de ser universal – a todos os homens. “Quando, porém... aprouve”, diz Paulo, “revelar Seu Filho em *mim*” (Gl 1.15-16).

Além disso, seu objetivo é sempre preciso; nunca simplesmente casual ou indefinido. Com isso quero dizer que, ao confiar a você ou a mim um ministério, Deus não age assim simplesmente para ocupar-nos em Seu serviço, mas sempre para realizar, por meio de cada um de nós, algo definido no sentido de cumprir o Seu propósito. Naturalmente, é verdade que há uma comissão geral para a Sua Igreja: “Fazei discípulos de

todas as nações” (Mt 28.18-20); mas, para qualquer um de nós, o mandamento de Deus representa, e sempre deve representar, uma confiança pessoal. Ele nos chama para servi-Lo na esfera de Sua escolha, seja para confrontar Seu povo com algum aspecto especial da plenitude de Cristo ou em alguma outra relação específica com o plano divino. De certo modo, pelo menos, todo ministério deveria ser, nesse sentido, um ministério específico.

Com isso, desde então, Deus não chama cada um de Seus servos para tarefas precisamente idênticas, nem usa meios exatamente idênticos para preparação desses servos. Como o Senhor de todas as ações, cabe a Deus o direito de usar formas específicas de disciplina ou treinamento, e muitas vezes também o teste do sofrimento, como meios para Seu fim. Pois Seu objetivo é um ministério que não seja meramente comum ou geral, mas, em vez disso, um ministério que tenha por objetivo, sobretudo, o serviço de Seu povo em um determinado momento. Para o próprio servo, tal ministério deve tornar-se particularmente seu – algo a ser especialmente expresso porque foi especialmente experimentado. É pessoal porque é original; e não pode ser evitado porque, na medida em que está diretamente relacionado com o propósito de Deus, esse propósito propriamente dito exige ser cumprido.

Todo leitor, ensinado pelo Espírito, que lê o Novo Testamento terá notado algo deste tipo. Em suas

páginas podemos, penso, reconhecer pelo menos três ênfases distintivas no ministério, representadas pelas contribuições históricas específicas de três importantes apóstolos. Esses três homens, embora certamente tivessem muita coisa em comum, não obstante exibem, em determinados momentos do registro, diferenças de ênfase suficientemente notáveis para sugerir que algo muito original Deus estava confiando a cada um deles. Refiro-me, sem dúvida, às contribuições especiais de Pedro, Paulo e João. No Novo Testamento é possível, em minha sugestão, traçar três linhas de pensamento, expressas, sem dúvida, em vários graus por todos os apóstolos, mas, sobretudo, definidas e ilustradas pelas contribuições únicas desses três em particular.

Será visto que a distinção de seus três ministérios é, em parte, cronológica – cada apóstolo dando, no curso da história, sua nova e oportuna ênfase ao presente. Além disso, não se faz essa distinção separando esses três homens ou colocando-os em conflito entre si, pois o que cada um tem não é algo que se opõe, mas que complementa o que os outros disseram. E talvez, também, a diferença entre eles esteja menos em seu ministério como um todo do que naquilo que está registrado sobre esses ministérios para nossa instrução. Contudo, penso que seja possível mostrar que os elementos ou temas de Pedro, de Paulo e de João que percorrem as Escrituras indicam três importantes ênfases históricas dadas por Deus para Seu povo em todos os tempos. Todos os

muitos e diversos ministérios do Novo Testamento – aqueles, por exemplo, de Filipe e Barnabé, Silas e Apolo, Timóteo e Tiago –, juntos aos outros inúmeros que deveriam acompanhar a história, contêm, em diferentes proporções, os elementos distintivos desses três. Será interessante, portanto, procurarmos entender o que Deus está dizendo para nós por meio das experiências desses três homens comuns, e este será o objetivo de nosso presente estudo.

#### ☞ “LANÇANDO A REDE AO MAR” ☞

Começamos com Pedro. Normalmente é defendida a idéia de que Marcos, ao escrever seu Evangelho, estava fazendo o registro do que, na realidade, eram recordações que Pedro tinha de seu Senhor. Além delas, temos as epístolas de Pedro e, sem dúvida, os incidentes de sua vida registrados por outros evangelistas nos quatro Evangelhos e no livro de Atos. Esses, juntos, formam a contribuição de Pedro. Qual foi, então, seu ministério? Bem, suas epístolas certamente indicam quão amplamente representativo foi seu ministério de tudo que caracterizava a obra de um apóstolo; mas, nas passagens narrativas, uma coisa talvez se sobressaia acima das outras. É algo a que, a meu ver, o Senhor deu atenção especial quando, ao chamá-lo para segui-Lo, Ele usou o termo “pescadores de homens” (Mt 4.18-20). Esta seria a tarefa distintiva

de Pedro, e a que primeiro recaiu sobre ele. Ele traria homens, com urgência e em grande número, para o Reino. Depois, a história de Jesus reafirmou este fato, quando, em Cesaréia de Filipe, Pedro confessou ser Ele o Cristo de Deus. O Senhor edificaria a Sua Igreja, e Pedro poderia, mais tarde, ser chamado para o ministério pastoral de “alimentar Suas ovelhas”; mas, em relação àquela Igreja, as primeiras palavras de Jesus para ele são: “Dar-te-ei as chaves do reino dos céus” (Mt 16.19).

Uma chave implica, entre outras coisas, uma entrada, um começo. Você se aproxima de uma porta e usa uma chave para abri-la ou para deixar os outros entrarem. No final, o ministério de Pedro muitas vezes resultou nesse começo das coisas, e foi, na verdade, o primeiro a fazê-lo. A Igreja em Jerusalém começou quando milhares de almas receberam sua palavra (At 2), e a igreja em Cesaréia começou quando, na presença dele, o Espírito Santo desceu sobre Cornélio e sua casa (At 10). Portanto, podemos dizer que, ao se levantar com os onze, Pedro abriu a porta para os judeus e, ao falar de Cristo mais tarde naquela casa romana, ele a abriu mais uma vez para os gentios. Assim, embora em nenhuma ocasião Pedro estivesse sozinho, pois a comissão sempre se estendia aos outros que estavam ao seu lado, e embora, mais tarde, descobramos que Paulo também foi um homem escolhido por Deus para ter um ministério do Evangelho ainda mais amplo entre os gentios, não obstante, em

um verdadeiro sentido, Pedro foi o pioneiro. Historicamente, ele segurou a chave e abriu a porta. Sua tarefa foi iniciar algo. Foi-lhe ordenado por Deus ser o ponto de partida.

A importância da mensagem de Pedro estava na salvação – uma salvação não por causa própria, mas sempre com vista para o Reino em sua plenitude, e em relação a Jesus, o Rei exaltado desse Reino. Contudo, quando ele apregoeou pela primeira vez o Reino, foi inevitável enfatizar não seus outros aspectos, mas o começo. A ênfase estaria nas chaves e na função que elas teriam em apresentar o Reino aos homens. Talvez seja mais do que uma coincidência que isto estivesse, como já dissemos, de acordo com os detalhes de seu próprio chamado. Ora, Pedro foi chamado sob circunstâncias muito diferentes das de Paulo e até, como veremos, das de João. Uma vez que essas circunstâncias estão registradas para nós nas Escrituras, não devemos considerá-las casuais. Elas são dignas de nota.

Pedro, como nos foi contado, foi chamado enquanto exercia a principal habilidade de sua profissão, isto é, “lançando a rede ao mar”. Essa ocupação parece (falando metaforicamente) ter dado fama ao seu ministério ao longo de sua vida. Ele seria, antes de tudo, um evangelista: o que começa algo “mantendo os homens vivos”. Ao lançar uma rede, você pega peixes – todos os tipos de peixe. É assim na vida de Pedro; e sem esquecer por um instante a vasta exten-

são do que ele fez e escreveu, cabe, contudo, dizer que a principal ênfase do que está registrado sobre seu ministério ativo está colocado ali.

☞ “ELES FAZIAM TENDAS” ☞

Chegamos a Paulo. Ele é um servo do Senhor, mas é diferente. Ninguém insinuaria que Paulo não pregou o Evangelho. Sem dúvida ele o fez. Fazer o contrário seria repudiar a obra pioneira de Pedro e lançar fora o terreno conquistado por ele. Não cometamos o erro de pensar que havia algum conflito básico entre os ministérios desses dois homens, ou que os ministérios dos servos de Deus sempre estavam em conflito. Paulo deixa claro, ao escrever aos gálatas, que tais diferenças estavam relacionadas à geografia e raça, e que, em essência, as tarefas deles eram complementares, não apenas por consentimento mútuo, mas em seu valor e atestação por Deus (Gl 2).

Entretanto, a questão é que chegou o dia em que se exigiu de Paulo ir mais adiante. Enquanto Pedro iniciava as coisas, a tarefa de Paulo era edificar. Deus confiou-lhe, de uma forma especial, a obra de edificar a Sua Igreja ou, em outras palavras, a tarefa de apresentar Cristo em Sua plenitude aos homens e de apresentar a esses homens *como um todo* tudo o que Deus tinha em mente para eles em Cristo. Paulo vislumbrou esta realidade celestial em toda a sua

grandeza, e sua comissão era edificar o povo reunido de Deus de acordo com essa realidade.

Deixe-me ilustrar. Você se lembra da visão que foi concedida a Pedro antes de ele ir ter com os gentios em Cesaréia (At 10)? Ele viu um lençol descendo do céu, segurado pelas quatro pontas e contendo todo tipo de animal, puro e imundo. Essa visão significava a intenção inclusiva e universal do Evangelho. Está direcionada *a toda criatura*. E nisso, mais uma vez, está Pedro em primeiro lugar. Seu ministério é um ministério com um lençol – ou uma rede, se você preferir – onde se coloca de tudo. É uma ordenança de Deus, pois vem a ele “do céu”. Sua comissão vinda de Deus, renovada e interpretada aqui em Jope, era trazer o máximo possível de coisas de qualquer natureza para o Salvador.

No entanto, nosso irmão Paulo é diferente nisto, pois não é um homem que segura um lençol – ele faz tendas. O lençol na visão de Pedro – mais uma vez falo metaforicamente – torna-se uma tenda nas mãos de Paulo. O que quero dizer? Quero dizer que um lençol é algo que ainda não tem forma; é algo que ainda não “se transformou” em algo definido. No entanto, agora Paulo aparece como um construtor de tendas e, sob a direção do Espírito de Deus – sob a força de uma visão que, igual à de Pedro, veio a ele vinda do céu (2 Co 12.2-4; Ef 3.2-10) –, ele dá àquele “lençol” disforme uma forma e um significado. Paulo se torna, pela soberana graça de Deus, um edificador da Casa de Deus.



No caso de Paulo, não se trata agora simplesmente da questão de quantas almas foram salvas, mas de algo que está assumindo uma forma definida. É provável que Paulo nunca tenha experimentado nada comparável a três mil almas se convertendo em um único dia. Este privilégio quem teve foi Pedro; mas o ministério especial de Paulo era edificar almas convertidas de acordo com a visão celestial que Deus lhe havia dado. Deus não se apraz só em ver o Seu povo se convertendo, “indo à igreja”, sentando-se e ouvindo sermões bem elaborados, e sentindo-se contente por saber que, conseqüentemente, eles são bons cristãos. Nem está tão interessado em suas experiências especiais com “bênçãos secundárias”, “santificação”, “libertação” (ou sejam quais forem os termos que eles usam) – *como experiências*. Deus tem em mente algo maior do que isto para Seus filhos – algo em termos de um “novo Homem” do céu. Deus tem em vista, como Seu propósito na redenção, a união de Cristo, o Cabeça, e a Igreja, Seu Corpo, para que o todo, Cristo e a Sua Igreja, forme Seu novo Homem – “o Cristo”.

É bom examinar as Escrituras para encontrar “o Cristo”. Que bênção é saber que o que está na mente de Deus é Seu Filho, Jesus Cristo! Muitas vezes nas Escrituras é “Jesus o Cristo” e, outras, é simplesmente “o Cristo”. Mas observe com cuidado e você descobrirá que não só o termo é usado para referir-se ao Filho de Deus em pessoa, mas também para abraçar outros com Ele (veja principalmente 1 Co 12.12).

Que graça incomensurável! Deus está assegurando para Si mesmo muitos filhos remidos, não só como indivíduos, mas como um povo reunido. E com que finalidade? Para fazer deles, no Filho e com Ele, um novo Homem – um todo unido em que são expressas, por meio de todas as vidas humanas, a divindade e a vida e a glória dos Filhos benditos de Deus.

Este é o maravilhoso objetivo de Deus; e Paulo foi especialmente chamado por Deus para ser o administrador desse mistério, tanto para anunciá-lo como para trazer Seu povo até ele. Ao dizer isso não é nossa intenção, de maneira alguma, menosprezar o ministério de Pedro. Não sugerimos que o evangelismo deveria ter um lugar de menor destaque, mas o que todos precisamos ver é que o ministério especial de Paulo é o complemento necessário para o de Pedro. Paulo transcende Pedro, mas não o levando à destruição ou descrédito. Até o irmão Pedro, com todo o seu crescente entendimento da “casa espiritual” de Deus (1 Pe 2.1-9), reconheceu que, de certo modo, Paulo estava bem longe dele neste sentido. É muito bom ler os últimos versículos de sua última epístola, nos quais ele se refere à “sabedoria” dada a Paulo e, então, continua a agrupar os escritos de Paulo “às demais Escrituras” (2 Pe 3.16). Foi preciso graça para fazer isso; mas Pedro chegou ao lugar em que viu que, no plano de Deus, os ensinamentos de Paulo verdadeiramente complementavam os seus. “Ai de mim”, disse Paulo, “se não pregar o evangelho!” (1 Co 9.16); e buscou

a ajuda de Deus para levá-lo às fronteiras do mundo romano. No entanto, onde quer que ele pregasse, não era para deter o primeiro efeito da pregação, mas sempre completá-lo até que cumprisse seu maior propósito nos santos. Pois ele era essencialmente um construtor. Na realidade, como ele mesmo colocou, ele era um “arquiteto”<sup>1</sup> (1 Co 3.10). Lançou os fundamentos – sim, os fundamentos de Jesus Cristo – e depois foi além e edificou sobre esse fundamento. Tentar edificar sobre qualquer outro fundamento iria, insistiu ele, desqualificá-lo por completo. Contudo, mesmo com esse fundamento estabelecido, ele viu que a qualidade da construção também tem importância. É muito importante o modo como você edifica, e os materiais que são usados. Não pode haver obra de má qualidade na casa de Deus, nem materiais substituídos. Deus gostaria de ter Seu povo unido em amor, edificado e alicerçado em um templo santo no Senhor e equipado para revelar e mostrar as glórias de Seu Filho. Este era o objetivo que Paulo, por meio de seu ministério, propôs a todos nós. Todas as lições de sua vida marcada por acontecimentos, e toda a rica contribuição de seus muitos escritos, que percorrem uma ampla extensão de tempo e espaço e ação, têm em vista o seguinte objetivo: que Cristo tenha para Si a gloriosa Igreja pela qual morreu.

---

<sup>1</sup> Palavra utilizada na Versão Revista e Corrigida de Almeida.

## ☪ “CONSERTANDO AS REDES” ☪

Entretanto, no mínimo, houve adversidades e frustrações. Em sua Carta aos Filipenses, Paulo dá-nos a razão. “Todos eles buscam o que é seu próprio”, ele diz, “não o que é de Cristo Jesus” (Fp 2.21). Escrevendo logo depois para Timóteo, ele fala sobre os santos de uma província romana e que “todos os da Ásia” o haviam abandonado (2 Tm 1.15). Quem são esses cristãos da Ásia? Alguns deles, certamente, são desafiados pelo próprio Senhor em Seu Apocalipse. Sete igrejas representativas na província da Ásia são ali tratadas, pois, em seu estado espiritual, elas são típicas, a nosso ver, das igrejas de toda esta era (Ap 1.11). Aos olhos de Deus, todas as igrejas daquele primeiro período do Novo Testamento parecem ter se apartado de Seu modelo e não ter compreendido parte do propósito divino.

Neste momento Deus chama João. Até agora, pelo menos até onde vai o registro escrito do Novo Testamento, ele estava em segundo plano. Mas sem Paulo, o Senhor agora traz à tona Seu outro vaso do ministério e, com ele, uma nova ênfase distintiva para suprir uma nova necessidade.

O ministério de João é muito diferente do de Pedro. João não foi pessoal ou unicamente comissionado, como foi Pedro, para iniciar algo. Até onde nos dizem nossos registros, o Senhor somente o usou no início *ao lado de* Pedro. Nem ele aparece como alguém

a quem foi confiada, de algum modo distinto, a tarefa de tornar conhecido o mistério da Igreja. Sem dúvida, ele estava tão interessado quanto os outros apóstolos na fundação da Igreja (Ef 2.20), mas, nisto também, seu chamado não teve um sentido singular. Doutrinariamente, ele não tinha coisa alguma a acrescentar à revelação dada por meio de Paulo. No ministério de Paulo as coisas de Deus atingem um clímax, um absoluto, e não se pode aperfeiçoar isso. A preocupação de Paulo está voltada para a plena compreensão dos conselhos divinos que haviam sido formados na natureza divina antes da fundação do mundo. Quanto a esses conselhos em Seu Filho – planejados para a redenção e glória do homem –, Deus fez com que fossem revelados era após era, visão após visão, até que, por fim, nesta especial era da graça, fossem plenamente manifestos no nascimento e morte, na ressurreição e exaltação de Seu Cristo. Apresentar esse plano em sua totalidade e levá-lo ao pleno conhecimento do povo de Deus foi o encargo especial de Paulo. Sua missão era expressar, para o bem de todos nós, algo que procedia do coração de Deus – algo que vinha das eternidades, agora trazido à luz em tempo oportuno. Para aperfeiçoar, portanto, o que Deus confiou a Paulo, seria preciso aperfeiçoar Deus, o que é inconcebível. O plano divino é perfeito.

Então, por que juntar João a Paulo? Qual é a necessidade deste outro ministério? A resposta é que, no final do período do Novo Testamento, o inimigo das

almas descobriu como entrar na casa de Deus e levou o próprio povo de Deus, os herdeiros da redenção, a desviar-se de Seus caminhos. Mesmo aqueles a quem foi confiada a visão “efésia” fracassaram e caíram, e, na realidade, a igreja de Éfeso foi a primeira a cair nesse fracasso. Se você comparar a primeira epístola com a segunda epístola aos efésios – a de Paulo com a de Jesus por meio de João (Ap 2.1-7) –, as duas cartas mostram onde estão estas pessoas. Algo terrível aconteceu, e agora João é trazido e comissionado – para quê? Não mais para liderar, mas para restaurar. Você descobrirá que, ao longo do Novo Testamento, o ministério de João é sempre restaurativo. João não diz nada que seja surpreendentemente novo e original. Não introduz nenhuma outra coisa (embora seja verdade que, no Apocalipse, ele inclui o que já foi dado à sua consumação). O que distingue João, seja no Evangelho, nas Epístolas ou em Apocalipse, é sua preocupação em trazer o povo de Deus de volta a uma posição que perdeu.

Mais uma vez, isto está de acordo com as circunstâncias do chamado de João para ser um discípulo. Pedro foi chamado para ser um seguidor quando lançava uma rede ao mar; Paulo já era (presumidamente) um construtor de tendas profissional quando Deus o chamou de “instrumento escolhido para mim” (At 9.15); e João foi chamado de uma forma bem diferente mais uma vez. Como Pedro, João era um pescador, mas, diferentemente dele, não estava no barco, mas à beira do lago no momento de seu chamado, e nos

foi dito que ele e seu irmão estavam “consertando as redes”. Quando você se põe a consertar algo, procura trazê-lo ao seu estado original. Algo estragou ou se perdeu, e sua tarefa é repará-lo e recuperá-lo; e este é o ministério especial de João. Ele está sempre nos trazendo ao que é original em Deus.

Esta afirmativa pode parecer exigir uma explicação mais completa, mas deixaremos que essa explicação venha no seu devido lugar. E para que não se pense que estamos dando muita ênfase à coincidência das ocupações seculares destes três apóstolos, deixemos dizer, de uma vez por todas, que consideramos estes detalhes, registrados de forma providencial como indubitavelmente são, simplesmente como estacas oportunas às quais depositamos nossas idéias e que nos ajudam a fixar em nossa mente as coisas infinitamente maiores pelas quais cada um deles se levantou como um servo de Deus.


Portanto, temos pela frente estes três homens representativos. Temos Pedro, preocupado primeiro com a colheita das almas; temos Paulo, o sábio arquiteto, edificando de acordo com a visão celestial que lhe foi dada; e, então, quando o fracasso ameaça, temos João para reafirmar que ainda há um propósito em vista, que, na mente de Deus, nunca foi abandonado. Há ainda algo que Ele pretende cumprir e, dessa intenção, Ele jamais se desviará.

A questão prática do que estamos dizendo é esta: que foram necessários estes três ministérios comple-

mentares e interligados para tornar a Igreja perfeita. Foi necessário o ministério de Pedro para que as coisas começassem em um determinado momento; foi necessário o ministério de Paulo para que esse começo fosse edificado e foi necessário o ministério de João para que as coisas fossem trazidas de volta, para onde fossem necessárias, de acordo com a intenção original de Deus. Alguns negarão que a necessidade de cada um desses três ministérios diz respeito a nós hoje, ou que o terceiro, o da restauração, seja talvez a maior necessidade de todas neste período que encerra a era. Isso irá ajudar-nos, portanto, a observar alguns dos principais pontos de cada um deles com detalhes mais práticos e a dar uma atenção especial às implicações presentes no último dos três.

Conseqüentemente, nos capítulos que se seguem, consideraremos Pedro, Paulo e João, um de cada vez – primeiro como pessoas e, depois, seus ministérios característicos de iniciação, edificação e restauração. Que, à medida que fizermos isso, o Espírito de Deus faça, por meio deles, Seu desafio pessoal ao coração de cada um de nós.





## *Pedro – e o Caminho*

**U**ma das características que impressionam mais drasticamente qualquer leitor dos primeiros capítulos do livro de Atos é a autoridade inquestionável com que o apóstolo Pedro proclama o Evangelho da salvação por meio de Jesus Cristo. Ele é o primeiro grande exemplo de um evangelista eficaz. Veja o que ele diz enquanto revela Deus aos homens: “Varões judeus e todos os habitantes de Jerusalém... atentai nas minhas palavras... Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado... Salvai-vos desta geração perversa” (At 2.14, 38, 40). “Autoridades do povo e anciãos... tomai conhecimento, vós todos... não há salvação em nenhum outro... nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (At 4.8, 10, 12, 20). Em surpreendentes afirmativas como essas

ouvimos Pedro falar como um arauto do Reino proclamando aos homens o modo de vida; e vemos Deus autenticando seus discursos pela presença manifesta do Espírito Santo com ele e pela profunda e constante obra de convicção realizada em seus ouvintes.

É importante, portanto, entendermos, em primeiro lugar, o que foi que qualificou Pedro para que se tornasse o porta-voz de Deus. Pois antes de Pedro poder falar, foi necessário que se falasse com ele; antes de poder servir como aquele que guarda “as chaves do reino dos céus”, ele teve de cumprir as exigências desse Reino.

Qual é o significado do termo “reino”? Sem dúvida é o domínio de um rei. É a esfera de sua autoridade, seu reinado. Portanto, ao vir para o Seu Reino, Jesus vem para o lugar de poder. Onde quer que a soberania do Senhor seja reconhecida, ali está Seu reino; e onde quer que essa soberania não seja reconhecida, ali ainda não chegou Seu Reino. Se o Reino de Deus deve ser estabelecido na terra, então os homens devem submeter-se à lei inquestionável de Deus. O homem deve curvar-se à total autoridade, domínio e soberania da lei de Jesus Cristo. É o *Seu Reino* que virá.

Portanto, é muito útil notar o que veio depois da narrativa do Evangelho sobre esta promessa feita a Pedro sobre as chaves do Reino. Primeiro, ali houve uma adversidade, na qual Pedro claramente mostrou que de fato ainda não era um perseverante súdito do Reino, mas, em vez disso, um tropeço para seu Senhor.

Ali vieram algumas palavras bastante surpreendentes ditas por Jesus a todo o Seu grupo de discípulos, sobre o Filho do Homem “vindo no seu reino”. E, então, alguns dias depois, essas palavras encontraram expressão visível no monte da transfiguração, quando Pedro, em particular, veio de um modo especial para sentir a força delas.

Conhecemos muito bem o incidente. Jesus transfigurou-se diante deles, apresentando à vista deles, naqueles momentos, o Reino em sua natureza e essência – embora não ainda, é claro, em sua plena extensão – na pessoa do Rei. Imediatamente Pedro dá sua resposta espontânea: “Não sabendo, porém, o que dizia”, contudo pronto para dizer algo, ele propôs que eles fizessem três tendas: uma para Jesus, outra para Moisés e outra para Elias (Mt 17.1-8).

### ∞ O PAI INTERVÉM ∞

Três tendas – e não uma! Você vê a importância da brilhante sugestão de Pedro? Havia dois homens muito importantes com Jesus ali no monte – importantes não só por causa de quem eram, mas por causa do que representavam. Lá estava Moisés representando a lei, e lá estava Elias representando os profetas, e, ao propor prolongar a experiência no topo da montanha, Pedro prepararia um lugar para esses dois ao lado do Senhor. Eles certamente estariam em uma